

Eduardo David Figueiredo
Pós-Graduação em História – UNESP: Assis – Aluno Especial (2º ano)
Pós-Graduação em Formação de Professores para o Ensino Superior – UNIP
Jornalismo – FEMA
E-mail: comunicald@yahoo.com.br

GP - História das Religiões: desafios teóricos, metodológicos e historiográficos.
Coord.: Eduardo Basto de Albuquerque (UNESP/Assis)

A AÇÃO CATÓLICA NAS PÁGINAS DA REB – REVISTA ECLESIAÍSTICA BRASILEIRA (1941-1962)

A estrutura de formação do catolicismo e sua solidificação em terras brasileiras recebeu influência de uma força opressora que o poder eclesiástico produziu para combater a heresia, o chamado tribunal do Santo Ofício. O Brasil defrontou-se por vezes com o poderio desse tribunal, o qual julgou e condenou brasileiros, em sua maioria comerciantes e pessoas com alto poder financeiro, que foram obrigados a deixar seu patrimônio nas mãos da *Santa Madre Igreja Romana*.¹

Ao tribunal do Santo Ofício cabia julgar e condenar, no Brasil, em quatro situações:

... no caso de “religiosos, religiosas ou clérigos de ordens sacras, que se casarem”, (nº 297); (...) No caso de alguém “dizer missa sem ser sacerdote, e do sacerdote que celebrando não consagra nela”, (363); (...) No caso de “hereges e suspeitos de heresia” (nº 886): “mandamos a todos os nossos súditos que tendo notícia de alguma pessoa herege, após-tata de nossa santa fé ou judeu, ou seguido der doutrina contrária àquela que ensina e professa a Santa Madre Igreja Romana, a denunciarem logo ao tribunal do Santo Ofício no termo de seus editais, ainda sendo a culpa secreta como sendo interior”; (...).No caso de “feitiçarias, sacrilégios, e superstições que envolverem manifesta heresia e apostada na fé” (nº 903).²

Dessa forma, com o objetivo de eliminar a heresia, posteriormente à não eficácia dos seus discursos, a Igreja Católica prende suas raízes em território brasileiro, executando suas punições e amedrontando as pessoas. Diante das aflições que o povo se deparava,

¹ Para mais; HOORNAERT, Eduardo. Formação do Catolicismo Brasileiro, 1550-1800. Petrópolis: Vozes. 2º Edição, 1978

² Id. Ibid., p. 19.

tornar-se católico no Brasil significava patriotismo, o que proporcionava uma homogeneidade entre religião e Estado. Este tomara posições político-administrativas favoráveis à Igreja, fortificando seus laços políticos até meados de 1874, quando acontecimentos demonstram que a separação entre essas duas forças se tornava urgente.

O governo já havia percebido o alto nível de controle que a Igreja exercia sobre o povo. Portanto, ao enfrentar a monarquia, o catolicismo não contribuiu com críticas a esse Estado. Ele “demonstrou aos liberais a fraqueza da autoridade monárquica em manter a ordem no interior do país, mas ao mesmo tempo se esqueceu que seu desaparecimento seria imprescindível como início da nova ordem e conseqüentes reformas”.³

Passados dois meses da Proclamação da República, em 7 de janeiro de 1890, foi publicado o decreto 119/A⁴, que permitia a liberdade religiosa, reconhecendo juridicamente os bens da Igreja, além de separá-la do Estado. O fato repercute no Brasil, no sentido de que o Estado possui o dever de garantir igualdade e liberdade a toda nação, afastando o domínio religioso e fortalecendo a laicidade do administrativo, objetivando assim o ideário republicano.

O período entre 1890 a 1900 proporcionou ao catolicismo brasileiro uma preocupação não apenas com a estrutura política desfavorável, mas também com a ideologia que o inspirou, chamada por muitos católicos de modernidade.⁵ Nesse sentido, o laicismo produzia uma espécie de bloqueio às possíveis ligações com o religioso, situando o Estado em um plano de ateísmo social ou, até mesmo, tornando-o anti-religioso, dando início ao afastamento da Igreja Católica da vida pública e a sua equiparação às outras religiões.

Com a ruptura entre o racional e o religioso, Jacqueline Hermann,⁶ em seu capítulo, *História das Religiões e Religiosidades*, do livro *Domínios da História*, define o século XIX e o início do XX como um período de transição, quando o homem ocidental

³ SITOLIM, Erica Aparecida. Padre David Corso: O ultramontanismo na paróquia da Catedral de Assis. Assis, 1998. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual Paulista.

⁴ Id. *Ibid.*, p. 32.

⁵ Segundo Mesquita Pimentel, no capítulo A condenação do modernismo, da Revista Católica de Cultura, esse movimento teve início no final do século XIX, aplicava métodos e critérios das ciências eclesiológicas de todo o gênero de saber e de atividade humana, mesmo aos relacionados com dogmas religiosos e os preceitos da moral. P. 562.

⁶ HERMANN, Jacqueline. *História das Religiões e Religiosidades*. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1976. p. 106-131.

mergulha na defesa do caráter racional. Tais fatores contribuíram para a eficácia da transição, deixando o espaço necessário para o discurso positivista.⁷

Diante de modificações sociais e políticas, a Igreja Católica foi forçada a se posicionar de maneira diferente. No Brasil, ela tentou organizar-se pela formação de congregações religiosas e padres, multiplicando o número de dioceses. Seu objetivo era o de exercer influência, já que, durante o Estado Império, a Igreja não evoluiu como instituição, pois era dependente do Estado. Nos quarenta anos posteriores à vigência do decreto de separação entre Igreja e Estado, o catolicismo preocupou-se especialmente com a sua existência interna e sua formação organizacional, já que o cenário político mantinha-se rígido com o pensamento liberal e positivista.

Nesse sentido, a presente pesquisa estuda, por meio de uma análise das representações sociais, observadas nos discursos da REB,⁸ a necessidade da Ação Católica, no período de 1941 a 1962, e as estratégias utilizadas pela Igreja para se firmar enquanto instituição controladora do pensamento humano.

A REB – Revista Eclesiástica Brasileira – mostra-se durante toda sua formação frente uma íntima ligação com a Editora Vozes. Em 1896 chegavam a Petrópolis os primeiros frades franciscanos vindos da Alemanha, o que posteriormente seria o início do convento franciscano anexo à igreja da cidade e em 1897, a Escola Gratuita São José. A Editora Vozes constrói sua história em Petrópolis, onde montou, na residência de verão de D. Pedro II, sua oficina com uma máquina impressora Alouzet, destinada à impressão do jornal, O Estado, que nunca chegou a ser publicado. Nesse momento, o Frei Inácio Hinte, da Ordem dos Franciscanos, unido ao seu superior, Frei Ciríaco Hielsher, solicitam licença para o conserto e utilização da máquina impressora da Editora, para utilizá-la na impressão de livros da Escola Gratuita São José. Concedida a licença, em 05 de maio de 1901, a oficina tipográfica instalada nos porões do convento ganha o nome de Tipografia Escola

⁷ Aqui o positivismo é considerado por Augusto Comte como uma doutrina religiosa para a humanidade – o Positivismo Religioso. Comte cria essa religião com um caráter puramente natural, racional, científico e fundamentalmente humano, a não admitir mistérios, revelações, dogmas e vontade sobrenatural, em suma, qualquer idéia ou fato que não pudesse ser comprovado ou demonstrado pela razão. Essa religião positivista, fundamentada na ciência do mundo, visava convergir para o aprimoramento moral, intelectual e objetivo da humanidade – a humanidade que trabalhou, trabalha e trabalhará. JÚNIOR, João Ribeiro. O que é positivismo. 1998.

⁸ REB, Revista Eclesiástica Brasileira. A fonte se encontra na biblioteca particular do Bispado da cidade de Assis.

Gratuita São José. A tipografia confeccionou obras destinadas ao público católico, entre elas a revista Vozes de Petrópolis, com projeção nacional, renomeando a Editora em 1911.⁹

Buscamos compreender o porquê da elaboração de uma revista diante o atual cenário político-brasileiro, e o que se pretendia com a realização de uma revista elaborada pelo “clero brasileiro”. O seu conteúdo era organizado, desde o seu primeiro número, “no mesmo nível das grandes revistas eclesiais do mundo, à altura de outros órgãos especializados e para as diversas classes intelectuais”.¹⁰ Para tanto, buscamos desconstruir e reconstruir o período por meio de representações ideológicas e dogmáticas da Igreja Católica, em meio ao cenário social da época.

Nesse contexto, a pesquisa aborda uma análise de conteúdo, para discussão da Ação Católica, por se tratar do meio de comunicação de maior importância do poder eclesial, no período em questão. Visando a homogeneização dos ideais Cristãos, em todo o território brasileiro, a revista ganha destaque em observação como demonstra Cônego Agnelo Rossi, onde afirma a sua importância enquanto papel eclesial no cumprimento de seu programa:

“Fazia parte do programa da novel revista ser o laço de união entre o clero do Brasil bem como apresentar um retrato do catolicismo em nossa Pátria. Desejava ser “sadiamente moderna”, científica e prática, ao mesmo tempo. Enfim, uma revista do clero, feita pelo clero e para o clero. Com satisfação e alegria, verificamos que a REB vem cumprindo, à risca, o seu programa”. (ROSSI, 1951; 227).

Com uma análise cuidadosa dos discursos impressos na revista, observamos as representações que a Igreja transmitia para as diversas camadas sociais do período, ou seja, observando o discurso dos autores de cada artigo, resenha, diagramação, disposição da linguagem, público alvo e seu perfil e pretensões, pudemos visualizar o imaginário social e as representações quanto à ação conservadora, que se fez necessária perante o momento político e social.

A grande preocupação consiste em perceber como a Igreja Católica passou a se utilizar da Ação Católica, por meio do uso da imprensa escrita. Portanto, o período 1941-

⁹ Algumas das informações estão disponíveis em: <www.vozes.com.br>. Acesso em: 06 de agosto de 2007.

¹⁰ ROSSI, Cônego Agnelo, Dês Anos de Revista Eclesial Brasileira. P. 227.

1962 - ¹¹ recorta um espaço de tempo quando se observa a primeira manifestação escrita da Igreja, que trata do assunto reforma, tendo como objetivo a homogeneização do eclesiástico em prol da unificação e massificação de influências, uma revista feita pelo clero e para o clero.

O uso da REB, como fonte de pesquisa, sustenta nosso objetivo de análise, por conter em seus exemplares inúmeros discursos da ideologia católica que condiziam com o atual cenário político eclesiástico da época. Os discursos envolviam, influenciavam e demonstravam para o país sua forma conservadora de usar a racionalidade religiosa, para explicar as aflições interrogativas que o mundo moderno proporcionou.

Nesse caso cabe destacar Monsenhor Rui Serra, Vigário Geral de São Carlos do Pinhal, Estado de São Paulo, que reafirma essa ideologia eclesiástica propulsora para a Ação Católica com o primeiro artigo do fascículo terceiro do ano 1943:

“Longe de mim a pretensão de querer convencer os leitores desta Revista da importância capital da A.C. e, conseqüentemente, da sua obrigatoriedade. Gravíssimo juízo temerário cometeria se, depois da palavra de vários Pontífices, depois do Santo Padre Pio XI, de tão saudosa memória, por 1.220 vezes, em encíclicas, cartas discursos e outros documentos, ter falado, insistido, clamado, ordenado, imposto, urgido essa tão importante obrigação para o clero, supusesse ainda a necessidade de convencer Colegas meus da sua obrigação de obedecer ao Sumo Pontífice. (...) Pois tenho para mim que, depois da vulgarização de tantos documentos, fazer a A. C. é um dos mandamentos da Igreja”.¹²

É oportuno ressaltar acontecimentos recorrentes ao período escolhido, como O Cristo Redentor, no alto do Corcovado, em 1931, a realização do II Congresso Eucarístico Nacional e a luta contra o ensino leigo¹³, marcam o período de 1930-46, e servem como símbolos ao espírito militante da Igreja Católica, que recorre a sua tradição para solucionar suas longas décadas de crise. No seu mais puro estilo conservador, o catolicismo atravessou as décadas de 30 e 40 tentando dar corpo ao projeto de recriação de um Brasil católico. A

¹¹ No período descrito a revista teve como redatores o Frei Thomas Borgmeier (1941-1953), entomólogo, fundador e editor da Revista Vozes, e o Frei Boaventura Kloppenburg (1953-1972), redator da REB. Atualmente, sua redação fica por conta do Frei Eloy M. Piva.

¹² SERRA, Mons. Rui. Ação Católica: urgência necessidade e obrigação. Vol. III, fasc. 3, set. 1943, p. 577-39.

¹³ Ao incentivar a “formação de consciência” e as “práticas de devoção”, a autora Maria Lúcia Montes exemplifica: com a publicação de revistas, (exemplo à “Lar Católico”), a relevância fundamental e a busca individual de cada sujeito e família, para que o objetivo por meio do processo litúrgico consiga se concretizar, trazendo assim os leigos para dentro das paróquias.

década de 50 é marcada pelo comprometimento do episcopado no campo social com o governo, abrindo uma forte concorrência religiosa às margens das cidades. Já em 1952, é criada a CNBB, proporcionando um maior entrosamento e consistência aos futuros movimentos criados na década de 60. Período referente à mobilização dos trabalhadores rurais no campo por intermédio das ligas camponesas que disputam com a igreja um lugar social, onde ela sempre foi hegemônica. Mas é em 1962 que se concebe um planejamento mais centrado e voltado a uma reação, através do Concílio do Vaticano II.¹⁴

Diante do contexto de afugentamento ideológico decorrente do modernismo, provido de um sentido de mudança que afronta a Igreja, Dominique Julia, em seu capítulo “A religião: História religiosa” afirma que explicar as transformações religiosas só será possível se admitirmos que as transformações sociais produzem, nos fieis, modificações de idéias e de desejos, obrigando-os a modificar diversas partes de seu pensamento religioso. Para isso, vemos na “densidade populacional, nas comunicações, na mistura de raças, nas oposições de textos, de gerações, de classes, invenções científicas, técnicas”, todo o emaranhado de circunstâncias que age sobre o pensamento ideário do indivíduo e seu “pensamento religioso”, alterando, assim, a sua religiosidade. Esses conflitos, resultantes de vários fatores ocorridos no decorrer da história, proporcionam, juntos, “uma espécie de crise do sistema e do sentimento religioso”.¹⁵

Para Maria Lúcia Montes, entender a situação religiosa no Brasil atual e no mundo contemporâneo, de forma geral, é defini-la pela “perda da centralidade” com relação à capacidade de dar significado à existência do homem e a sua experiência de vida, ou seja, o “campo de abrangência mudou” com o progressivo processo de laicização, desde o início da modernidade, tanto situada no Renascimento, quanto na Revolução Industrial do século XIX.

¹⁴ O ato do ecumenismo, a realização das missas no mesmo idioma em que está sendo pregada a evangelização, mudanças representativas de dentro do templo retirando alguns santos e oratórios, a não obrigatoriedade do padre em usar batina em qualquer ocasião de sua vida cotidiana. Algumas das muitas mudanças feitas pela Igreja Católica em forma de reação. Dados Retirados de uma entrevista exclusiva concedida pelo Pároco Vicente Paulo Gomes, Mestre em Pedagogia, no dia 05/09/2006 na Rádio Difusora de Assis. Para mais ler VIER, Frederico (coord.). Compêndio Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações.

¹⁵ JULIA, Dominique. A religião: História religiosa. In. LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. p. 106.

Entendendo a religião como parte do imaginário cultural do indivíduo, a Antropologia considerou que sua característica inerente, com um poder de criar um corpo consistente de símbolos, práticas e ritos, valores, regras de conduta ou um “sistema cultural”, instalou uma situação “capaz de responder a situações-limites, como o sofrimento e a morte”, tornando-se necessário o homem recorrer ao “outro mundo” para dar sentido a sua vida.

Seguindo tal idéia, encontramos na sociedade a dessacralização centrada no indivíduo e regida pelas regras do mercado, do consumo compulsivo, da busca do prazer e do lazer, trazendo para si um processo de auto-escolha para a sua própria satisfação.

Ao analisar o indivíduo e seu papel em sociedade, devemos reconstruir o meio social em que ele está inserido. Para isso, o autor Peter Berger demonstra em livro, “*O Dossel Sagrado*”, a construção do mundo através da ótica religiosa. Para o autor, esse mundo se define em dois: um, do animal não-humano, enquanto pré-determinado, programado e fechado em termos de possibilidades; outro, o do homem, que é aberto, oposto do mencionado anteriormente. Um mundo onde as próprias atividades do homem o concebem, tornando-o respectivamente individual, só seu. Esse sentido de mundo, em que o homem vive a partir da sua própria construção, chama-nos a atenção diante de estruturas de concepções de criação utilizadas por ele.

“O homem não possui uma relação pré-estabelecida com o mundo. Precisa estabelecer continuamente uma relação com ele. (...) A existência humana é um contínuo por-se e, equilíbrio” do homem com seu corpo, do homem com seu mundo. (...) Só num mundo assim, que ele mesmo produziu, pode o homem estabelecer-se e realizar a sua vida”. (BERGER, Peter; 1985, p.18).

Nota-se que “representação e representado, signo e significado” são considerados como a demonstração daquilo que é corrompido pelos chamados processos de “teatralização”,¹⁶ formando, assim, o imaginário social. Sendo concebida mais do que como um conceito de “mentalidade”, a representação proporciona três modalidades de envolvimento com o mundo social. A primeira delas está voltada à qualificação e delimitação que fornece os vários sistemas intelectuais que atuam na realidade “construída

¹⁶ Id. Ibid. p. 21.

por diferentes grupos”. Em continuidade, há as práticas que visam ao reconhecimento do indivíduo dentro de um determinado grupo, significando, simbolicamente, o instituto ou sua posição. Por fim, há “as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares), marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade”.¹⁷

Objetivando a análise dos discursos contidos na revista REB, 1941-1962, tendo em vista a ruptura da Igreja Católica com o Estado Brasileiro e as transformações trazidas pela modernidade no país, a pesquisa busca perceber as representações contidas nos discursos impressos pela revista, na qual há propostas de se realizar uma Ação Católica unificada brasileira, isto é, tornar a nação homogeneizada religiosamente. Para tanto, pretendemos não só definir a ideologia pregada no periódico, mas também o seu papel histórico de influenciador social, por meio de uma linguagem discursiva e documentada, a influência eclesiástica, enquanto Ação Católica, em resposta a um mundo que se tornava cada vez mais secular, e sua constante busca pela manutenção do poder e agremiação de novos adeptos, já que a Revista tinha como objetivo ser “formadora da opinião pública”.

BIBLIOGRAFIA

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BURKE, Peter. **A Escrita da História. Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em Cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papirus, 1998. O controle da opinião e os limites da liberdade: Imprensa Paulista (1920-1945). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Editora Marco Zero, vol. 12, nº 23/24, setembro/1991-agosto/1992.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

¹⁷ Id. Ibid. p. 23.

HERMANN, Jaqueline. História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1976.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro, 1550-1800**. Petrópolis: Vozes. 2º Edição, 1978.

JULIA, Dominique. A religião: História religiosa. In. LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. p. 106-31.

JÚNIOR, João Ribeiro. **O que é positivismo**. São Paulo. Brasiliense. 3º reimpressão, 1998.

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

ROSSI, Cônego Agnelo. **Dez Anos de Revista Eclesiástica Brasileira**. Revista Eclesiástica Brasileira. Vol.XI, fasc. 2, jun. 1951, p. 225-31

SERRA, Mons. Rui. **Ação Católica: urgência necessidade e obrigação**. Vol. III, fasc. 3, set. 1943, p. 577-84.

SITOLIM, Erica Aparecida. Padre *David Corso*: **O ultramontanismo na paróquia da Catedral de Assis**. Assis, 1998. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual Paulista.